

RESENHAS

A sedução do primitivo

Regina Zilberman

Dentre as opções temáticas que, desde as origens, a literatura vem oferecendo aos escritores, uma das mais antigas refere-se à exposição das relações familiares. Se estas raramente são mencionadas na *Ilíada*, aparecem com freqüência na *Odisséia*, que narra a vontade de um marido de retornar à casa, a paciente espera de sua esposa, o assédio dessa por vários pretendentes, a viagem de um filho em busca do pai. No entanto, tocou à tragédia ática conferir estatuto artístico definitivo ao tema, reincidente tantas vezes entre Ésquilo, Sófocles e Eurípedes, que Aristóteles chamou a atenção para o fato de os melhores dramas resultarem do aproveitamento narrativo do efeito emocional provocado pelo "surgimento de violência no coração das alianças", vale dizer, no seio das famílias.

De lá para cá, a idéia vingou e fez história, sendo paulatinamente assumida pelo romance. Àqueles que desejavam centrar na família a organização do relato duas alternativas se ofereceram: a de trabalhar a trajetória das gerações, como faz Erico Verissimo em *O tempo e o vento*; e a de analisar as personagens enquanto parte da célula familiar, na situação de pai, mãe, filho, cônjuge. Este padrão tem natureza menos épica que o anterior; mas também conta com ancestrais ilustres, aparecendo nos mitos trágicos que, hoje, fundamentam as analogias entre os seres ficcionais e os heróis clássicos.

Petrona Carrasco, de Walter Sobreiro Junior, insere-se nessa última tradição. Fixa o enredo nas relações existentes entre um casal,

seus filhos e alguns agregados, a ação não excedendo esse número restrito de personagens. Estas, por sua vez, vivem apenas para a família, não saindo dela para fora, nem deixando qualquer estranho interferir, a não ser quando ele se introduz no grupo e não o abandona mais, conforme ocorre ao francês André Maurice.

O romancista limita tanto os participantes da trama, quanto o âmbito da atividade deles, apresentando apenas as relações entre si, para as quais parece não contribuir qualquer fator ou evento externos. De certa maneira, dá a entender que a personalidade de cada personagem foi moldada tão-somente pelo tipo de experiência doméstica sofrida, constituindo a família, para esse grupo de atores ficcionais, o sentido último de suas vidas.

Fechados dentro do grupo, não desejando escapar dele e nem o conseguindo, nas tentativas feitas, as personagens só podem tender para a atração mútua ou seu contrário, a rejeição. Esta é experimentada inicialmente por Lelita, a matriarca obrigada a casar com Emídio Carrasco, que a ganhou num jogo. Depois é transferida aos filhos homens, que odeiam o pai, um homem cruel, primitivo e ambicioso, cujos únicos objetivos são aumentar as propriedades, controlar com mão de ferro os que o rodeiam, possuir as mulheres próximas, inclusive, se a circunstância permitir, a própria filha.

A atração mútua é igualmente vivida pelo grupo de filhos homens, que não consegue fugir ao magnetismo emanado da irmã mais velha, a personagem nomeadora do romance, Petrona Carrasco. Esta, uma jovem muda, é virtualmente a entidade que, considerando a construção da obra, domina os passos do enredo, pois, como seu pai, exerce um controle absoluto sobre a vida dos rapazes, porém, ao contrário de Emídio, não provoca rechaço, mas admiração e culto, não abandono e sim enraizamento, e, quando desaparece, saudade insaciável.

Rejeição e atração irresistível constituem, desde o começo, os pólos a partir dos quais a trama se constrói. Esse dualismo aparece no primeiro episódio narrado, o da salvação do naufrago francês, pois o jovem, fascinado inicialmente por Lelita, depois por Petrona, mas, ao mesmo tempo, tratado de modo bruto por Emídio, não mais consegue abandonar o meio que o acolheu de modo tão contraditório. Esse episódio assume de imediato caráter paradigmático, estabelecendo o padrão narrativo doravante reiterado pelo relato. Mas sua

funcionalidade revela-se por outro aspecto, igualmente característico do conjunto da narrativa: ele está integrado numa tradição literária, com ressonâncias na literatura ocidental e, especialmente, na brasileira.

Com efeito, não são poucas as narrativas apresentadas por um naufrago, representante de uma civilização adiantada, mas atraído pelo mundo, bárbaro e primitivo, ao qual vem a se juntar, ao menos por certo tempo. Relacionando André Maurice ao Ulisses salvo por Nausicaa, o narrador sublinha a associação que pretende. Isto lhe possibilita ver o mundo do Carrasco como insólito e atraente, primitivo, mas irresistível, enfim contraditório, pois com Lelita ele fala em sua língua, mas com Emídio não se comunica, e inexplicável. Contudo, essa passagem se viabiliza, porque o tema do naufrago integrado à nova cultura é particularmente caro à literatura brasileira, remontando a narrativas e mitos do tempo da colonização, podendo ser lembradas a obra de Hans Staden e a aventura atribuída a Diogo Álvares Correia, o Caramuru, ocorrida no início do século XVI e matéria, depois, da epopéia de Santa Rita Durão.

O aproveitamento dessa tradição literária é funcional desde o começo do romance e produz a contrapartida com as formas populares, utilizadas na abertura de cada capítulo para desempenhar o duplo papel de comentar o passado e fazer avançar a ação. E permite que, a partir daquele momento, construam-se associações com outras formas artísticas e mitos do passado, transformados em memória ou reminiscência da história contada. As associações mais fortes sugerem o parentesco da obra com a tragédia clássica, linhagem a que ela se filiava desde a escolha do tema, conforme se mencionou acima.

De fato, o evento detonador da trama doméstica, o da conquista de Lelita por Emídio, apresenta viva similaridade com o episódio inicial da história de Agamemnon e Clitemnestra, a partir do qual o general grego começa a cumprir sua parte no destino dos Átridas. Assim como Emídio ganha a mulher no jogo e provoca um casamento contrariado, Agamemnon arranca Clitemnestra do convívio do marido, a quem mata, obrigando-a a ser sua esposa e mãe de seus filhos. Essa aceita o fado e lega-lhe vários descendentes, entre os quais Ifigênia, sacrificada em resposta às exigências de Ártemis, que até então se recusava a favorecer as naus gregas com ventos capazes

de levá-las às praias de Tróia, onde os aqueus esperavam se vingar do rapto de Helena.

Clitemnestra não perdoa o segundo crime e, quando pode, vinga-se, assassinando o marido, quando este voltava vitorioso de Tróia. Esse gesto gera seqüência de outras mortes, até que Orestes, o filho mais novo do casal, consegue aplacar a ira dos deuses, cumprir seu fado e sustar a onda de crimes familiares. Só para si mesmo não alcança a paz, permanecendo solitário, sem descendentes e sem reino, imagem do herói infeliz para quem não bastou ter executado a missão e atingido o sucesso no trabalho de que foi incumbido.

Petrona Carrasco constrói-se desde esse paradigma, acentuando as conotações incestuosas sugeridas no relacionamento entre os irmãos, os filhos de Agamemnon e Clitemnestra que protagonizam os dramas gregos. Tal qual seu modelo, Lelita provém de um meio superior e não tolera a barbárie do marido; mas a suporta até o momento em que ele assassina um filho e ameaça abandoná-la, levando junto a riqueza da família. Como os heróis trágicos, os filhos remanescentes orbitam em torno à primogênita, fascinante, incomunicável e causa de sua desgraça, já que a memória dela impede-os de sair do âmbito familiar e viver de modo independente. Essa sujeição acaba por levá-los à morte, à infelicidade, à solidão e mesmo à impotência, pois não conseguem mais se relacionar entre si ou com pessoas de fora, a não ser quando essas, como ocorre André Maurice ou Lúzia Virgínia, tornam-se parte desse mesmo universo limitado.

Os vínculos do livro com a tragédia se mostram mais fortes, quando se verifica que, apesar da forma narrativa, o texto tem composição dramática, quase teatral. Não apenas porque as personagens gostam de representar ou dançar quando se livram da fiscalização paterna. É que o enredo apresenta nítida concentração de ações, centrando-se praticamente no episódio da morte de Bernardo e vingança de Lelita, com suas conseqüências fatais para todos os protagonistas, e de personagens, restringindo-se tão-somente aos atores envolvidos com a cena sangrenta.

Assim, *Petrona Carrasco* assimila o tema da tragédia a sua forma original, mostrando ter sido aprendida uma das principais lições dos clássicos atenienses. Pois, se Aristóteles chamou a atenção para a importância de se trabalhar com "o surgimento da violência no coração das alianças", é porque essa proximidade facultava reduzir

o enredo a um número mínimo de personagens, adequando a matéria narrativa às possibilidades técnicas do teatro grego. Ao mesmo tempo, a concentração deixava lidar com conflitos radicais, pois nada toca mais as emoções que problemas vivenciados no interior da célula familiar, conhecida de todos independentemente das circunstâncias sociais. Não por coincidência a psicanálise encontrou nos mitos heleenos, especialmente no modo como os dramaturgos do século V a. C. os produziram, a evidência de suas principais teses.

Transplantando o tema para a forma romanesca, Walter Sobreiro Jr. conservou igualmente a técnica que o consagrou. Talvez pudesse prescindir dessa última, pois os problemas tecnológicos enfrentados pelos gregos não nos afligem mais. Todavia, tratava-se, em primeiro lugar, de ser fiel às fontes; além disso, o romance lida em vários níveis com a primitividade: esta faz parte do ambiente onde a ação transcorre; e está presente nas emoções vividas pelas personagens. Por isso, se, de um lado, a narrativa se alinha à vanguarda, abandonando a linearidade temporal, contrastando manifestações eruditas e populares, e expondo, via monólogo interior, o mundo interior das personagens, de outro, expressa a realidade primordial dos instintos que somente poderia se mostrar verossímil, quando traduzida por modelos literários que contivessem esse sentido em seu bojo. Eis por que é empregado inicialmente o relato do naufrago, indivíduo civilizado que se enraíza nessa natureza selvagem, mas irresistível; eis por que, a seguir, são introduzidos elementos que remontam à tradição da tragédia grega, com suas características principais.

A associação entre o primitivo e a América é outro dos traços peculiares à nossa cultura, formada desde os tempos coloniais e conservada ao longo da tradição romântica e modernista. *Petrona Carrasco* não foge a essa tradição, nem pretende, pois a expressa desde o primeiro capítulo. Mas confere-lhe conotações originais, por aproximá-la ao patrimônio clássico, o que lhe permite ver a primitividade não apenas sob o prisma do ambiente natural e social, ao qual falta o verniz da civilização, mas também sob a luz do inconsciente, expresso pelo relacionamento incestuoso e de fundo edípico entre os membros da família Carrasco. Com isto, interpreta tanto nossa história, quanto os indivíduos que fazem parte dela; e, se encontra na base da primitividade um ser fascinante e mudo, é porque a vê

como algo que sujeita o indivíduo, principalmente porque não lhe promete nada, pura atração incomunicável.

SOBREIRO JR., WALTER. *Petrona Carrasco*. Porto Alegre: IEL, 1990

TEORIA DO ROMANCE

Antonio Hohlfeldt

Ao longo das últimas duas décadas, o professor e crítico literário Donald Schuler tem-se debruçado sobre os problemas da narrativa clássica. Agora, ao lançar esta Teoria do Romance, desloca ele com maior eficiência sua atenção para uma revisão teórica ampla e histórica sobre esse que é o gênero por excelência do período contemporâneo.

O ensaio de Schuler é aberto com a indagação que, nos anos setenta, o crítico Ferenc Fehér opunha às teorias luckaksianas: o romance está morrendo?

E ao contrário do que então se concluíra, Schuler afirma que a morte do romance é sua própria vitalidade, na medida em que considera ser essencial ao gênero a consciência da transformação (eu diria da transformação da realidade que ele, romance, documenta, e das transformações que ele próprio sofre).

O conhecido crítico organiza meticulosamente sua obra, passando por questões teóricas e históricas gerais, pela estrutura da narrativa, pela intertextualidade, pelo narrador e pela personagem, pelo tempo e pelo espaço — os elementos essenciais da narração romanesca — para concluir sua análise sob a perspectiva da modernidade, reafirmando aquela idéia inicial da mutação permanente dessa forma literária, a mais dinâmica de quantas já se teria inventado até o momento.

A síntese alcançada pelo autor é sempre admirável, pois demonstra uma experiência profunda com o gênero — sobre o qual não apenas tem escrito mas com o qual tem lidado também enquanto

criador. Daí que surge uma constatação em parte contraditória: se o livro é exemplar para o II grau, pela clareza com que apresenta seus conceitos, é também de certa maneira difícil de ser plenamente abrangido pelo leitor deste nível, pelo conjunto estupendo de informações que traz e pressupõe e que, infelizmente, sabemos inexistir entre nosso leitor médio, mesmo entre alunos dos cursos de Letras.

Instigante e provocativo, Schuler não teme concluir certas questões, mesmo que elas sejam polêmicas ou mereçam necessariamente uma discussão mais ampla. Assim ocorre, por exemplo, quando afirma que quando o romance se faz poesia pode fugir ao autoritarismo do discurso ideológico (p.19). Pessoalmente, até pela ambivalência da poesia, entendo que o texto poético é dos mais ideológicos que existem, exatamente porque permite manipulações através dos elementos culturais que trabalha. Oponho-me, pois, a esta observação do professor Schuler. Da mesma forma que, sem discordar do que afirma à p.59 sobre o processo acumulativo de interpretação romanesca, acrescentaria que a acumulação não elimina nem contradiz interpretações anteriores, mas sobre o que ele silencia.

Essas observações para um debate posterior, porém, não eliminam ou diminuem em nada a admiração pela excelente obra que o mestre realiza, e provoca-nos apenas uma única cobrança do autor: ele fica nos devendo, em que pese a menção a romances brasileiros que realiza, um trabalho semelhante dirigido especificamente ao romance brasileiro.

Registre-se, por fim, a excelente bibliografia atualizada mencionada pela obra, que traz, desta maneira, a seu leitor, alguns dos conceitos mais modernos em torno da teoria do romance.

SCHÜLER, Donald. *Teoria do romance*. São Paulo: Ática, 1989. 88p.

CRÔNICA DE UMA UTOPIA

Antonio Hohlfeldt

Maria Helena Martins reúne, neste volume que traz uma indicação clara — ser uma crônica — um conjunto de informações que

são relativizadas por não serem aprofundadas mas cuja própria idéia de crônica torna desculpável e compreensível, muito embora a capacidade para mais que a autora possui.

A intenção básica da obra é relatar as experiências vividas pela autora ao lado de sua equipe, com as atividades de uma Sala de Leitura autônoma, sem qualquer aproximação diretamente vinculada a uma escola, para a divulgação da leitura entre crianças de classe média.

A experiência levou a autora a identificar alguns obras que são claramente preferidas pelas crianças e outras que são rejeitadas. A partir dessa constatação, a autora estabelece que o principal desafio para o escritor que pretende dirigir-se ao público leitor infantil é a contradição que se estabelece entre sua vontade de permanência (através da obra) e a tendência à volubilidade que apresenta o leitor. Contudo, a autora, ao longo da obra, acaba esquecendo que existe uma profunda relatividade no chamado gosto do público. E esquece igualmente de aprofundar a indagação sobre os motivos pelos quais tal volubilidade ocorre, ou de considerar, primariamente, que a simples existência de uma sociedade capitalista, no âmbito da qual ocorre o fenômeno da leitura, independentemente da qualificação das obras, tende a criança à busca permanente da novidade, numa tautologia do novo que é característica do sistema, independente dos méritos das obras. Essas falhas prejudicam gravemente as conclusões que a autora retira de sua experiência, porque, ao invés de manter as conclusões relativizadas (por exemplo, ao dizer que a criança prefere o livro ilustrado esquece que sua própria geração não tinha igual preferência; ou ao falar das novas linguagens, esquece que elas fazem parte das técnicas de marketing adotadas pelas editoras que preferem novidades a reedições, por exemplo) absolutiza-as, chegando mesmo a garantir que as preferências das crianças identificam-se com as qualidades reais dos textos, sem chegar a aprofundar também a questão de tal qualidade.

Em consequência, se as análises dos livros preferidos não sofrem maiores problemas, as abordagens das obras ditas rejeitadas são prejudicadas por um evidente preconceito com que a autora trabalha, de tal sorte que, apenas para citar um exemplo, a análise de "Eu vi Mamãe nascer" consegue reunir apenas um motivo que chega a nos sensibilizar, já que para todos os demais se podem apresentar

respostas bastante interessantes, bastando lembrar-se, no mínimo, as múltiplas edições que a obra alcançou até o momento.

Há, contudo, e de qualquer forma, algumas boas observações da autora sobre os processos de leitura contemporânea, como a questão da valorização da visibilidade do livro brasileiro infantil, a tendência mais fácil da ilustração assumir a perspectiva do cômico do que o próprio texto escrito; ou a humilde conclusão de que a nossa perspectiva letrada pode limitar a capacidade de leitura e sensibilidade para outras linguagens que não a literária.

Maria Helena deixa passar, contudo, temas que estão caindo de maduros quando revisa algumas das obras preferidas pelas crianças, como é o caso de "Ida e Volta" de Juarez Machado. A autora menciona a questão do enigma existente no livro como motivador desse interesse, mas não leva a questão adiante para examinar, por exemplo, que o mesmo princípio pode explicar a imensa preferência da gurizada pelos romances policiais... ou de terror.

A autora, porém, observa corretamente que o processo a ser desenvolvido numa sala de leitura não é apenas o da interação entre autor-obra-público quanto, também, o da compreensão de diferentes linguagens, situação a que a biblioteca tradicional de escolas apresenta maior resistência. Aliás, neste sentido, é valioso o ponto de partida da autora segundo o qual a sala de aula tende a inibir a apreciação literária, já que tal realidade precisa ser internalizada por nossos professores de I e II graus, sob pena de não alcançarmos progressos significativos nessa área.

Ao reconhecer e valorizar o prazer como um dos elementos atrativos da criança para a leitura, Maria Helena Martins ratifica tendência dos anos 60, a partir das constatações de Barthes (*Le Plaisir du texte*) mas não chega a diferenciar o conceito de prazer experienciado diversamente entre uma criança e um adulto, o que seria fundamental.

De qualquer forma, enquanto crônica, a obra da escritora gaúcha é interessante. Para as pretensões de um ensaio, porém, necessitaria de uma maior sistematização, o que não ocorreu.

MARTINS, Maria Helena. *Crônica de uma utopia*. São Paulo: Brasiliense, 1989. 215p.

"INTRODUÇÃO À RETÓRICA" DE DANTE TRINGALI

Maria Magaly Trindade Gonçalves
Zélia Maria Thomaz de Aquino
Zina Bellodi Silva

O livro de D.T. significa, especificamente, uma tomada de posição declarada diante de um tema proposto — examinar a Retórica como algo que, como nunca, está viva hoje, apesar de algumas correntes contemporâneas, para se proclamarem novas, mascararem sua ligação com ela.

O A. faz isso sem forçar nenhuma explicação, porque está fundamentado numa teoria que conhece profundamente e da qual tem uma das visões mais lúcidas e concisas em nosso tempo.

O notável caráter didático do texto não é conseguido às custas da profundidade. Inicia com o conceito de *retórica*, definindo também o de oratória e eloquência por serem fundamentais ao assunto.

Na primeira parte, dedicada à Retórica Antiga, conceitua termos fundamentais com *discurso*, *dialética*, *retórica*; define gêneros de discurso, suas partes, sobre o que se alicerça a Retórica Antiga. Assim, o A. examina seus principais momentos, os seus temas fundamentais, as suas principais preocupações, os seus autores fundamentais. Passa por aqueles anteriores a Platão, o próprio Platão, Aristóteles (a quem dedica parte substancial do livro por considerar sua Retórica modelar), Quintiliano, Cícero, até chegar à Renascença. Esse tipo de apresentação é fundamental em nossos dias, quando nos acostumamos a lidar com termos, momentos e autores, sem ter deles uma noção clara de localização no tempo, sua importância; isso facilita a compreensão dos componentes de um sistema e o desenvolvimento de qualquer tipo de trabalho que os envolve. Por isso D.T. conceitua claramente o termo *discurso*, caracteriza os *gêneros do discurso*, especificando suas partes, e as *etapas de elaboração do discurso*, os *lugares* de onde se tiram as provas, etc., destacando o que é essencial para a compreensão do assunto e para o aproveitamento de tais conceitos na elaboração de todo e qualquer discurso, e, de modo especial, o literário, o da crítica e da teoria literárias.

Nesta parte a *Retórica* de Aristóteles é apresentada como a Retórica por excelência, aquela que é a melhor codificação da arte de

elaborar o discurso persuasivo, aquele que fará um auditório decidir, com mais clareza sobre uma "questão discutível, controversa, provável, a respeito da qual não se chega a certezas, mas a probabilidades".

O A. diz, também, que "o discurso retórico se especifica por tentar persuadir a respeito de uma questão provável, controversa". O orador, na antiguidade, era instruído para fazer o juiz (ou os juízes) ver(em) com mais clareza uma matéria capaz de gerar dúvida. Por isso Aristóteles redime a Retórica das acusações platônicas, pelas quais a Retórica é encarada como maléfica. Aristóteles diz que tudo é passível de mau uso, menos a virtude, o que significa a consagração da Retórica como virtualmente boa, útil, capaz de orientar o juiz, a assembléia, o ouvinte para a tomada da posição mais justa. O eventual uso desonesto da Retórica é inevitável, pela própria condição humana.

No plano específico da Retórica um discurso supõe o discurso contrário, por isso a Retórica só se desenvolve em regimes democráticos.

Cremos que a primeira parte do livro seja fundamental para todo estudioso que pretende, de alguma maneira penetrar no espírito do pensamento retórico, em outras palavras, no humano, já que a retórica é utilizada sempre; ou instintivamente ou como uma arte.

Depois desse exame, tendo deixado claro que a reflexão sobre a Retórica não se originou na Grécia, mas que foram os gregos, Aristóteles especialmente, que fizeram a melhor codificação de todos os tempos, o A. dá informações fundamentais sobre a formação do orador, sobre a estrutura da escola retórica. O A. passa então a examinar aquilo a que chama Retórica Clássica — aquela que se volta apenas para a *elocução* — (a primeira redução que sofre a Retórica Antiga), a Retórica das Figuras (uma nova redução, desta vez às figuras), a Retórica Nova (uma das últimas versões da Retórica, já no nosso século, que significa uma retomada da Antiga, e uma redução à invenção). Em seguida abre um capítulo para Retórica e Semiótica. É muito importante a especificação que o A. faz de cada uma das designações da Retórica, na medida em que fica claro que cada uma representa uma redução da Retórica Antiga, na medida em que cada uma dessas designações significa o privilégio de um aspecto da antiga. D.T. examina, em cada uma dessas partes, aquilo

que esclarece cada um desses momentos da História da Retórica, com seus autores representativos.

Vale ressaltar capítulo (ou partes de capítulos) como a Retórica da Ficção (onde examina a relação autor-narrador/leitor), Retórica e Ideologia (onde especifica os sentidos de ideologia e discute se a Retórica é ou não ideológica), Retórica e Democracia (a retórica não se desenvolve, porque não pode ser exercida, em regimes totalitários), Retórica e a Mulher (onde aparece um verdadeiro alerta para a mulher, já que a Retórica sempre foi considerada como algo a ser exercido pelo homem), entre outros (capítulos ou partes de capítulos) que fornecem ao leitor, iniciante ou especialista, os dados indispensáveis para a compreensão do assunto e aproveitamento deles como método de trabalho; o aproveitamento dos ensinamentos retóricos, para o estudioso, o professor, o crítico e teórico da literatura, o advogado, o pedagogo, o comunicador, entre outros profissionais.

Apesar de todo interesse que o livro todo pode oferecer ao estudioso, não se lhe pode negar a superioridade, em termos de apreensão de conceitos e de sugestão de método de estudo e trabalho, da parte que se refere à Retórica Antiga. O leitor pode, aí, fartar-se de indicações interessantes e altamente sugestivas para os trabalhos intelectuais. A apresentação das etapas da elaboração do discurso, é, sem dúvida, um sempre novo e renovável modelo de trabalho. Os que lidam particularmente com o discurso literário, encontram aí um excelente modelo abrangente, de onde podem tirar inúmeros roteiros de trabalho, como, por exemplo, o exame a partir do conceito de *prova*, de *lugar*. Tais conceitos podem gerar oportunidades de trabalho, na medida em que a elaboração do discurso, para os antigos, envolve uma preparação muito cuidada e que, lamentavelmente se despreza atualmente. Quando D. T. examina os *lugares*, fá-lo não só da perspectiva da Retórica Antiga, mas também do modo como os entendemos hoje, não só em Retórica mas na crítica literária. O exame dos tipos de provas (argumentos) que os antigos, especificamente Aristóteles, codificaram pode ser entendido como uma excelente possibilidade de lidar com o discurso literário. As provas levam o leitor a pensar no modo de encarar e de montar os raciocínios, o que propicia imensas oportunidades de reflexão, de análise, de aprofundamento sobre o pensamento construído no interior da literatura. Poderíamos ainda ressaltar o conceito das paixões, o exame

dos caracteres, o conceito de metáfora, as qualidades do discurso, a preocupação com propriedade terminológica, etc., com extraordinários momentos para a criação de modelos de trabalho especialmente quando lidamos com o discurso literário. Referimo-nos ao texto literário, praticamente por imposição de ofício porque, na verdade, tais reflexões que a Retórica Antiga provocam através do texto de D. T. são utilidade para as mais diversas áreas. Pode-se mencionar a tarefa do professor que tem pela frente a oportunidade do ensino da redação. Esses dados são uma sugestão de trabalho didático, uma forma de levar a classe a pensar com ordem, disciplina, levando em conta as qualidades ressaltadas por Aristóteles, tais como clareza sem baixeza (isto é, sem o vazio da excessiva trivialidade), beleza, persuasão, para só destacarmos algumas. Na parte dedicada à *disposição* temos, novamente, um exemplo de trabalho, um modelo a ser utilizado, com sugestão até mesmo de como dispor a matéria levantada. As sugestões de como elaborar um discurso são muito claras e de fácil aplicação. Seria altamente desejável que fossem todas, de fato, consideradas. O ensino e o trabalho intelectual ganhariam em qualidade, em profundidade.

Finalmente gostaríamos de louvar iniciativas de publicação como essa que, sem dúvida nenhuma, vem preencher uma lacuna importante na atividade intelectual do Brasil.

A PRESENÇA ITALIANA NO BRASIL

Ir. Elvo Clemente

Ao perflustrar o volume de 740 páginas vejo com grande satisfação a riqueza de contribuições dos colegas de várias Universidades dos diversos pontos do Brasil.

Graças ao esforço da Fondazione Giovanni Agnelli há todo um despertar de interesses pelas cousas da Itália e pelas cousas dos italianos no Brasil. É admirável observar que, em muitas situações, imigrantes, praticamente abandonados pela mãe pátria, guardam em si aquele amor acendrado pela terra longínqua. Os imigrantes, muitas vezes, forçados a sair de seu torrão, de sua aldeia tranqüila e pobre,

atravessaram mares e florestas em busca da "América", símbolo de abundância e de bem-estar. Essas aspirações profundas foram satisfeitas após curtirem longos anos de privações e de sofrimentos de toda a sorte.

O segredo da vitória do italiano em terras brasileiras e noutras paragens é o amor ao trabalho e o espírito de economia. Sabe o quanto custa formar um pequeno patrimônio, quanto sacrifício implica estabelecer um pequeno negócio e conquistar um lugar ao sol. Amor ao trabalho, perseverança nos empreendimentos, fé inabalável em Deus, respeito pelos usos e costumes das pessoas da nova terra, estiveram sempre presentes em todas as aventuras de subjugar a gleba agreste e abrir espaço vital na nova sociedade.

Os trabalhos do *Simpósio A PRESENÇA ITALIANA NO BRASIL - II*, realizado em Vitória, de 24 a 28 de outubro de 1988, apresentam sobejamente o relato de fatos, o estabelecimento das várias colônias quer no Rio Grande do Sul, quer no Espírito Santo, em Santa Catarina ou em São Paulo e outros estados da Federação. Por toda a parte, nos mais variados modelos de cultura, nos mais diversificados climas, ou em regiões mais rudes ou mais amenas, o imigrante italiano soube adaptar-se, soube amoldar-se aos usos, aos costumes para depois afeiçoá-los a sua índole e a seu modo de viver.

No encontro de culturas há uma interação, não somatória, mas sobrevivência de características dos elementos de base. O toque da gente itálica marcou a cultura brasileira em áreas mais ou menos vastas, em zonas com mais penetração e em zonas em que tudo começou com a chegada do imigrante.

A Fondazione Giovanni Agnelli tem favorecido, no decorrer das últimas décadas, a investigação histórica antropológica e literária no Brasil e noutras países como a Austrália e Canadá. O resultado visível são as milhares de páginas do relatório dos dois simpósios patrocinados pela Fondazione em São Paulo e em Vitória.

As investigações continuam, algumas com subsídios da Fondazione, outras com auxílios de financiadoras dos estados ou do país, outras ainda movidas pelo amor dos investigadores pela nobre causa de ver, de estudar a fundo os traços marcantes da cultura do imigrante italiano na terra brasileira.

Esses esforços, esses anseios de descobrir verdades históricas, de sondar os porquês de toda essa imensa contribuição imigratória

de um povo, visam ao entendimento, à comunhão de culturas e ao ideal da fraternidade universal que se irradia de Roma desde os apóstolos Pedro e Paulo até os nossos dias na voz e na ação do romano Pontífice, João Paulo II, na peregrinação incansável para disseminar a semente imortal do Evangelho de Jesus Cristo, no qual todos os homens são irmãos.

NÓS, O POVO

Karel Kyncl, *The Independent*
Companhia das Letras

Nós, o povo (as palavras iniciais da Constituição americana) é o extraordinário relato de uma testemunha ocular da História. Timothy Garton Ash estava em Varsóvia, em 4 de junho, quando os comunistas foram derrotados pela Solidariedade nas primeiras eleições quase livres desde a Segunda Guerra Mundial; doze dias depois, ele acompanhava, em Budapeste, os funerais do herói popular húngaro executado 31 anos atrás, Imre Nagy. Ele assistiu também à abertura do Muro de Berlim e estava em novembro no Teatro da Lanterna Mágica, em Praga, ao lado de Václav Havel e dos demais membros do Fórum Cívico, proclamando a chamada "revolução de veludo".

Todos esses fatos ocorreram em 1989, um ano inesquecível deste século, que marca uma completa reviravolta no panorama internacional. Timothy Garton Ash, professor de História Européia Contemporânea na Universidade de Oxford e colaborador regular do jornal londrino *The Independent* e do *New York Review of Books*, é um dos mais bem informados observadores políticos da Europa e vem acompanhando de perto as radicais transformações no Leste europeu. Em *Nós, o povo*, os quatro capítulos principais descrevem esses acontecimentos, e um último capítulo faz um conjunto de reflexões sobre esta revolução. Portanto, o livro tem duas estruturas temporais: o testemunho, imediatamente contemporâneo, e um olhar retrospectivo, a partir de um ponto de vista do início de 1990, quando foi escrito.

Nós, o povo complementa uma trilogia de obras sobre as mudanças na Europa Oriental, juntamente com *The Polish Revolution: Soli-*

arity, e *The Uses of Adversity*, sobre os acontecimentos na Polônia e na Hungria. Não tão analítico ou reflexivo como esses dois últimos, *Nós, o povo* tem a grande virtude de descrever fatos e situações que um historiador não encontrará em nenhum documento.

É um trabalho fascinante, de leitura absorvente, onde um "dar de ombros", um olhar ou uma observação casual podem ter mais importância, para a História, que cem discursos.

"Sem nenhum exagero eu diria que, no futuro, muito provavelmente, alguma rua de Varsóvia, Praga ou Budapeste terá o nome de Timothy Garton Ash".

A VOLTA DE McLUHANAÍMA

Richard Morse, que já brindou o público brasileiro com um fascinante estudo comparativo sobre as faces ibéricas e anglo-saxônicas do Novo Mundo em *O espelho de Próspero*, responde agora, com *A volta de McLuhanaíma*, a uma dupla e importante pergunta: O que distingue a América da Europa e quais os contrastes entre as diversas regiões da América?

Este controvertido pesquisador americano combinou Marshall McLuhan com Macunaíma para compor McLuhanaíma, que dá título à obra e ao herói brasilianista do único conto do livro, uma sátira ao clássico *Macunaíma*, tantas vezes citado neste livro.

Os cinco textos que antecedem o conto são ensaios e estudos que abarcam os três campos de interesse do autor: a língua e a literatura, a ideologia e a política e a inter-relação entre as duas Américas, a do Norte e a do Sul. São objeto de reflexão de Morse as transformações das línguas européias do Novo Mundo, as relações entre Oswald de Andrade, William Carlos Williams, Mário de Andrade e T. S. Eliot, as ligações subterrâneas entre os pensamentos latino-americano e europeu pré-moderno, e a formação do latino-americano e do brasilianista no contexto americano dos EUA.

Destaque-se também em *A volta de McLuhanaíma* a primorosa tradução de Paulo Henriques Britto, extremamente sagaz ao verter o intrincado texto original em todas as suas características, conservando e adaptando expressões criadas pelo autor.

Richard Morse nasceu em Summit, Nova Jersey, em 1922. Profundo conhecedor do mundo latino-americano, sobre o qual lecionou durante quinze anos, sendo titular nas Universidades Yale e Stanford. Aposentado desde 1989, teve publicado no Brasil *Formação histórica de São Paulo* (1970) e *O espelho de Próspero* (Companhia das Letras, 1988).

A ESFINGE E O ARCO-ÍRIS

As Edições Siciliano lançam um volume básico para o estudo de questões ligadas aos hemisférios cerebrais, mostrando como todas as regiões do cérebro unem-se criativamente para formar uma só unidade: A Esfinge e o Arco-Íris.

Apresentando de forma completa as últimas descobertas da ciência relativas ao cérebro e da consciência humana, o autor explora a precognição, a previsão e revela o mistério de como o cérebro pode pressentir fatos futuros. O segredo reside na interação entre as regiões frontais, posteriores, superiores e inferiores. O dr. David Loye tece essas descobertas num quadro completo do cérebro, sintetizando neurofisiologia, psicologia, parapsicologia e física teórica.

Ex-membro das Faculdades de Ciências Médicas das Universidades de Princeton e da UCLA, o dr. Loye atualmente é diretor do Instituto de Precognição do Norte da Califórnia. Escreveu o premiado *A cura de uma nação*. Seu trabalho pioneiro na psicologia da premonição tem sido relatado em diversas publicações, de jornais e revistas como *Reader's Digest* e *Omni*.

A LINGUAGEM SECRETA DAS PEDRAS

A linguagem secreta das pedras relata os fundamentos de uma análise científica significativa e pioneira. Trata da "memória da pedra", cu seja, que a pedra pode funcionar como uma espécie de depósito de fatos ocorridos no passado. Este tema vem interessando o autor há muitos anos. Primeiro, como químico do estado sólido

das pedras, com seu trabalho de graduação em magnetismo; depois, como cientista arqueólogo, quando se especializou no campo cheio de mistérios do *spin* magnético. Este contato direto com lugares e objetos da antigüidade levou-o a explorar as energias ocultas das pedras.

Em síntese, o livro desenvolve hipóteses, através de uma leitura agradável, para explicar a memória das pedras. Depois apresenta um levantamento de todos os tipos de pedras encantadas e a revelação da idéia do espírito do lugar.

Don Robins é doutor em Química do Estado Sólido e também membro do corpo docente do Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres, onde aplicou a técnica da ressonância do *spin*. Tem trabalhos divulgados em várias publicações científicas, entre elas, *Nature*, *Science*, *The Times* e *New Scientist*. Nos últimos anos fez palestras nos Estados Unidos, Japão, Itália e Dinamarca.

ZILLES, Urbano. **Gabriel Marcel e o Existencialismo**. 1988, 128p. A obra expõe criticamente o pensamento de Gabriel Marcel no contexto das filosofias contemporâneas da existência.

CLOTET, Joaquim e outros. **A Justiça**. 1988. 104p. A obra tem ensaios dos professores U. Zilles, Reinholdo A. Ullmann, Francisco de Araújo Santos, Sfrío Lopes Velasco, Edivno A. Rabuske e Joaquim Clotet.

BIZ, Osvaldo. **Informática e Soberania**. 1988, 172p. O livro historia os caminhos que levaram o Brasil a adotar a reserva de mercado para a Informática até 1992.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Epicuro: o filósofo da alegria**. 1988, 100p. O livro resgata a pessoa de Epicuro e seu pensamento filosófico.

JOVCHELOVTICH, Marlova. **Encontros dialógicos: uma vivência em Serviço Social**. 1989, 60p. Constitui um instrumento metodológico valioso para o Serviço Social, fundamentando a relação de ajuda no diálogo e na fenomenologia.

ZILLES, Urbano. **O Problema do Conhecimento de Deus**. 1989, 68p. Numa lógica cerrada do pensamento, o autor movimenta-se desimpedidamente na Biologia, Física, Geologia, Filosofia e Teologia indagando pela transcendência.

BRASIL, Luís Antônio de Assis (org.). **Contos de Oficina 3**. 1989, 136p. É o terceiro volume de contos produzido pelos alunos da Oficina de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

CERQUEIRA, Siomara Vilanova. **Administrando a Mudança Rumo à Criatividade**. 1989, 60p. Propõe fornecer alternativas para uma mudança no sentido de ajudar o professor a administrar melhor sua criatividade e a de seus alunos.

CLEMENTE, Ir. Elvo. **Leitura & Crítica Literária**. 1990, 185p. Coletânea de ensaios do A. abordando a teoria e a prática da Crítica Literária.

BRASIL, Luís Antônio de Assis (org.). **Contos de Oficina 4**. 1990, 112p. Antologia de contos das oficinas da Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

MOTTIN, Antônio. **De Maróstica a Garibaldi: memória da Imigração Italiana**. 2ª edição. 1990, 163p.

Pedidos diretamente à:

LIVRARIA EDITORA ACADÊMICA LTDA.

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 9 - Caixa Postal 1429
90001 - Porto Alegre/RS - Fone (0512) 36-5337

PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS DA PUCRS

VERITAS

Revista de cultura geral – Trimestral

LETRAS DE HOJE

Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa – Trimestral

TEOCOMUNICAÇÃO

Revista de estudos de Teologia, Filosofia e áreas afins, órgão de comunicação do Instituto de Teologia – Trimestral

ESTUDOS IBERO-AMERICANOS

Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana, do Curso de Pós-Graduação em História – Semestral

REVISTA DE MEDICINA DA PUCRS

Editada pela Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria – Trimestral

PSICO

Revista especializada em Psicologia – Semestral

DIREITO & JUSTIÇA

Revista da Faculdade de Direito – Sem periodicidade

EDUCAÇÃO

Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação – Semestral

ODONTO CIÊNCIA

Revista da Faculdade de Odontologia – Semestral

PUCRS – INFORMAÇÃO

Boletim informativo – Bimestral

AGENDA PUCRS

Boletim informativo interno da PUCRS – Mensal

COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS

Sem periodicidade

MUNDO JOVEM

Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado ao Instituto de Teologia e Ciências Religiosas – Mensal

ANÁLISE

Revista da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas – Semestral